<u>Entre Quatro Paredes</u>

(Jean Paul Sartre)

Personagens
Inês
Estelle
Garcin
O Criado

CENA I

(Garcin, O Criado do andar) (Um salão, estilo Segundo Império. Um bronze sobre a lareira)

GARCIN – *(Que entra e olha em torno)* Pois é.

O CRIADO – Pois é.

GARCIN – Então é assim...

O CRIADO – É assim.

GARCIN – Acho... Acho que com o tempo a gente se acostuma com os móveis.

O CRIADO – Isso depende das pessoas.

GARCIN – Será que todos os quartos são iguais?

O CRIADO – Que idéia! Recebemos chineses, hindus. Que quer que eles façam com uma poltrona Segundo Império?

GARCIN – E eu? Que quer que eu faça? Sabe quem era eu? Ora! Isso não tem importância. O que é fato é que sempre vivi no meio de móveis que não gostava e de situações falsas! Achava isso adorável. Que tal: uma situação falsa numa sala-de-jantar Luís-Felipe!

O CRIADO – Vai ver: também não ficará mal num salão Segundo Império.

GARCIN – Ah! Bom, bom, bom: *(Olha em torno)* Em todo o caso, por essa eu não esperava... Não me diga que não sabe o que se diz por lá.

O CRIADO – Sobre o quê?

GARCIN – Quer dizer... *(Num gesto vago e largo)* sobre isso tudo.

O CRIADO – Acreditar nessas tolices! Gente que nunca pôs os pés aqui. Se ao menos já tivessem estado por aqui.

GARCIN – É mesmo.

Riem os dois.

GARCIN – *(Ficando sério de repente)* Onde estão as estacas?

O CRIADO – O quê?

GARCIN – As estacas, as grelhas, os funis de couro.

O CRIADO – Está brincando?

GARCIN – *(Olhando-o)* Como? Ah! Bem. Não. Não estava brincando. *(Um silêncio. Anda um pouco)* Nem espelhos, nem janelas, nem naturalmente, nada que seja frágil. *(Com súbita violência)* Por que me tiraram a escova de dentes?

O CRIADO – Aí está a dignidade humana que volta. É formidável.

GARCIN – *(Batendo com raiva no braço da poltrona)* Nada de familiaridades comigo. Reconheço a minha posição, mas não admito que...

O CRIADO – Está bem! Desculpe. Mas, que quer? Todos os fregueses fazem a mesma pergunta. Mal chegam: *"Onde estão as estacas?"*. Garanto que nesse instante não estão pensando em fazer sua *"toilette"*. Depois, ficam mais calmos, e aí vem a escova de dentes. Mas, pelo amor de Deus, pense um pouco! Afinal de contas, permita que eu lhe pergunte, por que escovar os dentes?

GARCIN – *(Sossegado)* É mesmo? Por quê? *(Olha em torno)* E por que olhar nos espelhos? Ao passo que esse bronze, felizmente...Creio que há certos momentos em que seria capaz de olhar firme. De olhar firme, hein? Ora, ora! Não há nada que ocultar: digo-lhe que conheço bem a minha situação. Quer que lhe conte como é que as coisas se passam? O sujeito sufoca, mergulha, afoga, fica apenas com os olhos fora d'água, e o que é que vê? Um bronze de Barbedienne. Que pesadelo! Com certeza proibiram você de me responder, não insisto. Mas não se esqueça de que ninguém me pilha assim à toa; não vá se gabar de me haver surpreendido; não sei encarar a situação de frente. *(Continua a andar)* Então, nada de escovas de dentes. Nada de cama, também. Porque não se dorme, nunca, não é isso?

O CRIADO – Ora essa!

GARCIN – Eu era capaz de apostar. Por que é que a gente havia de dormir? O sono ataca por trás das orelhas. Sente-se os olhos fecharem-se, mas por que dormir? A gente estira-se nem sofá e pst!... Adeus sono! Então, esfrega os olhos, levanta-se e tudo recomeça.

O CRIADO – Como o senhor é romanesco!

GARCIN – Cale-se. Não vou gritar, nem gemer, mas quero encarar a situação de frente. Não quero que ela se atire sobre mim por detrás, sem que eu possa reconhecê-la. Romanesco? Então é que não se tem mesmo necessidade de sono. Por que dormir, se não se tem sono? Ótimo. Espere aí. Por que é que há de ser doloroso, por que há de ser forçosamente doloroso? Já sei: é a vida sem interrupção.

O CRIADO – Que interrupção?

GARCIN – *(Arremedando-o)* Que interrupção? *(Desconfiado)* Olhe bem para mim! Eu sabia. Aí está o que explica a indiscrição grosseira e insustentável do seu olhar. De fato, estão atrofiadas.

O CRIADO – Do que é que o senhor está falando?

GARCIN – Das suas pálpebras. Nós... Nós batíamos as pálpebras. Chamava-se a isso piscar. Um pequeno relâmpago negro, uma cortina que cai e se ergue: deu-se a interrupção. Os olhos se umedecem e o mundo se aniquila. Não pode imaginar como era refrescante. Quatro mil repousos por hora. Quatro mil pequenas evasões. Quatro mil, digo eu... Como é? Então vou ficar sem pálpebras... Não se faça de bobo. Sem pálpebras, sem sono, é a mesma coisa. Nunca mais hei de dormir... Como poderei me tolerar? Trate de compreender, faça um esforço: tenho um caráter implicante, como você vê, e tenho o costume de implicar comigo. Mas... mas não posso estar implicando sem parar: por lá, havia as noites. Eu dormia. Tinha o sono leve. Em compensação, sonhava coisas simples. Havia uma campina. Uma campina, nada mais. Eu sonhava que estava passeando por ela. É de dia?

O CRIADO – Como vê, as lâmpadas estão acesas.

GARCIN – De fato! É esse o dia de vocês. E lá fora.

O CRIADO – *(Estupefato)* Lá fora?

GARCIN – Lá fora, do outro lado destas paredes.

O CRIADO – Há um corredor.

GARCIN – E no fim desse corredor?

O CRIADO – Há outros quartos, outros corredores e escadas.

GARCIN – E que mais?

O CRIADO – Nada mais.

GARCIN – Você, naturalmente, tem um dia de folga. Aonde costuma ir?

O CRIADO – Em casa de meu tio, que é o chefe dos criados, no terceiro andar.

GARCIN – Eu devia ter desconfiado. Onde está o interruptor da luz?

O CRIADO – Não existe.

GARCIN – Como é? Não se pode apagar?

O CRIADO – A gerência pode cortar a corrente elétrica. Mas não me lembro se já aconteceu isso neste andar. Temos eletricidade à vontade.

GARCIN – Muito bem. Quer dizer que a gente tem que viver de olhos abertos.

O CRIADO – *(Irônico)* Viver...

GARCIN – Não vá me aborrecer agora por uma questão de vocabulário. De olhos abertos. Para sempre. Será pleno dia nos meus olhos. E na minha cabeça. *(Uma pausa)* E se eu atirasse esse bronze contra a lâmpada elétrica, será que ela se apagaria?

O CRIADO – É muito pesado.

GARCIN – *(Tomando o bronze entre as mãos e tentando erguê-lo)* Tem razão. É muito pesado.

(Um silêncio)

O CRIADO – Se não precisa mais de mim, vou retirar-me.

GARCIN – *(Sobressaltado)* Vai-se embora? Até logo. *(O criado chega até a porta)* Espere. *(O criado volta-se)* É uma campainha elétrica isso aí? *(O criado faz sinal que sim)* Posso tocar quando quiser, e você tem obrigação de atender?

O CRIADO – Em princípio sim. Mas a campainha é caprichosa. Há qualquer coisa errada no seu mecanismo.

(Garcin vai até a campainha, aperta o botão. Ouve-se tocar)

GARCIN – Funciona.

O CRIADO – *(Espantado)* Funciona? *(Toca também)* Mas não se entusiasme muito. Isso não dura. Então, às suas ordens.

GARCIN – *(Num gesto para detê-lo)* Eu...

O CRIADO – O que há?

GARCIN – Não, não é nada. *(Vai até a lareira e toma a faca de cortar papel)* Isto o que é?

O CRIADO – Não está vendo? Um corta-papel.

GARCIN – Há livros por aqui?

O CRIADO – Não.

GARCIN – Então, para que isto? *(O criado dá de ombros)* Está bem. Pode retirar-se.

(O Criado sai)

CENA II

(Garcin só) (Garcin, só, vai até o bronze a apalpa-o) (Senta-se. Levanta-se. Vai até a campainha e aperta o botão. A campainha não toca. Experimenta duas ou três vezes. Em vão) (Dirige-se à porta e tenta abrí-la. Não o consegue. Ele chama)

GARCIN – Garçom ! Garçom!

(Nenhuma resposta. Esmurra a porta chamando o criado. Acalma-se depois, subitamente, e senta-se. Nesse instante, abre a porta e entra Inês acompanhada do Criado)

CENA III

(Garcin, Inês, O Criado)

O CRIADO – *(A Garcin)* O senhor chamou?

(Garcin vai responder, mas olha Inês)

GARCIN – Não.

O CRIADO – *(Dirigindo-se à Inês)* Está em sua casa, minha senhora. *(Silêncio de Inês)* Se tiver alguma pergunta a me fazer... *(Inês cala-se)*

O CRIADO – *(Desapontado)* Os fregueses geralmente gostam de pedir informações... Não importa. Além do mais, quanto à escova-de-dentes, a campainha e o bronze de Barbedienne, esse senhor está ao corrente de tudo e poderá informar tão bem quanto eu.

(Sai. Um silêncio. Garcin não olha para Inês. Inês observa em redor e dirige-se bruscamente a Garcin)

INÊS – Onde está Florence? *(Silêncio de Garcin)* Pergunto-lhe onde está Florence.

GARCIN – Não sei de nada.

INÊS – Foi só isso que conseguiu descobrir? A tortura pela ausência? Pois falhou. Florence era uma bobinha e não me faz falta.

GARCIN – Queira perdoar-me: quem está pensando que eu sou?

INÊS – O senhor? O senhor é o carrasco.

GARCIN – *(Sobressalta-se e põe-se a rir)* É um equívoco engraçadíssimo. O carrasco: é boa! A senhora entrou, olhou para mim e pensou: é o carrasco. Que extravagância! O criado é um ridículo: deveria ter- nos apresentado. O carrasco! Eu sou Joseph Garcin, publicista e homem-de-letras. O fato é que estamos hospedados no mesmo estabelecimento. Senhora...

INÊS – *(Secamente)* Inês Serrano. Senhorita.

GARCIN – Muito bem. Perfeito. Pois é, derreteu-se o gelo. Quer dizer que me acha com cara de carrasco? Quer fazer o favor de me explicar como é que se reconhecem os carrascos?

INÊS – Têm cara de quem tem medo.

GARCIN – Medo? É esquisitíssimo! Medo de quem? De suas vítimas?

INÊS – Ora! Sei bem, o que estou dizendo. Espelho não me falta.

GARCIN – Espelho? *(Olha em torno)* Que droga! Tiraram daqui tudo quanto pudesse parecer-se com um espelho. *(Um tempo)* Em todo caso, posso garantir-lhe que não tenho medo. Não considero levianamente a situação, e estou perfeitamente cônscio de sua gravidade. Mas não tenho medo.

INÊS – *(Dando de ombros)* Isso é com o senhor. *(Um tempo)* Será que o senhor sai, de vez em quando, para um passeio?

GARCIN – A porta está trancada.

INÊS – É pena.

GARCIN – Compreendo muito bem que minha presença a aborreça. E, se dependesse de mim, preferiria estar só. Tenho que por a minha vida em ordem e preciso de sossego. Mas tenho certeza de que nos acostumaremos um ao outro: não falo, quase. Não me movo, e faço pouco barulho. Apenas, se me atrevo a dar um conselho, será bom conservarmos entre nós uma extrema polidez. Será nossa melhor defesa.

INÊS – Não sou bem-educada.

GARCIN – Eu o serei por dois.

(Um silêncio. Garcin está sentado no sofá. Inês, andando de um para outro lado)

INÊS – *(Olhando-o)* Essa boca.

GARCIN – *(Voltando-se a si)* Como é?

INÊS – Não é capaz de fazer parar sua boca? Ela gira como um pião debaixo do nariz.

GARCIN – Desculpe. Não tinha percebido.

INÊS – É justamente o que estou censurando. *(Tique de Garcin)* De novo! Pretende ser bem-educado e deixa sua cara assim à-toa. O senhor não está sozinho e não tem o direito de me impor o espetáculo do seu medo.

(Garcin ergue-se e dirige-se a ela)

GARCIN – E a senhora? Não tem medo?

INÊS – Para quê? O medo era bom antes, quando tínhamos esperança.

GARCIN – *(Com doçura)* Não há mais esperança, mas estamos sempre antes. Ainda não começamos a sofrer.

INÊS – Bem sei. *(Um tempo)* Então, o que é que vai acontecer?

GARCIN – Não sei. Estou esperando.

(Um silêncio. Garcin vai sentar-se de novo. Inês continua a andar. Garcin tem um tique nervoso da boca, e ao olhar para Inês esconde o rosto nas mãos. Entram Estelle e O Criado)

CENA IV

(Inês, Garcin, Estelle, O Criado) (Estelle olha para Garcin, que não ergueu a cabeça)

ESTELLE – *(A Garcin)* Não! Não, não erga a cabeça. Eu sei o que você está escondendo nas mãos: eu sei que você não tem cara. *(Garcin tira as mãos do rosto) Ah! (Um tempo. Surpreendida)* Não conheço o senhor.

GARCIN – Eu não sou o carrasco, minha senhora.

ESTELLE – Não pensei que fosse o carrasco. Eu... Pensei que alguém me quisesse pregar uma peça. *(Ao Criado)* Quem mais está esperando?

O CRIADO – Ninguém mais.

ESTELLE – *(Aliviada)* Ah! Então vamos ficar só nós três: o senhor, a senhora e eu?

(Pôs-se a rir)

GARCIN – *(Secamente)* Não vejo razão para rir.

ESTELLE – *(Rindo sempre)* É que esses sofás são medonhos! E vejam como estão colocados! Parece que é dia de Ano Bom e que estou visitando minha tia Marie. Cada

qual tem o seu, imagino. É este o meu? *(Ao Criado)* Nunca que eu seria capaz de sentar-me nele: é uma catástrofe: Estou de azul-claro e ele é verde-espinafre!

INÊS – Quer ficar com o meu?

ESTELLE – O sofá *bordeaux*? A senhora é muito amável, mas isso pouco adiantaria. Não. O que fazer? Cada qual com o que é seu. Coube-me o verde, fico com ele. *(Um tempo)* O único que combinaria bem é o desse senhor.

(Um silêncio)

INÊS – Está ouvindo, Garcin?

GARCIN – *(Sobressaltado)* O... sofá. Oh! Perdão! *(Levanta-se)* É seu, minha senhora.

ESTELLE – Obrigada *(Tira o "manteau" e deixa-o sobre o sofá. Um tempo)* Já que temos que morar juntos, vamos nos apresentar. Chamo-me Estelle Rigault.

(Garcin inclina-se e vai se apresentar, quando Inês se interpõe)

INÊS – Inês Serrano. Prazer em conhecê-la.

(Garcin inclina-se de novo)

GARCIN – Joseph Garcin.

O CRIADO – Precisam ainda de mim?

ESTELLE – Não, pode ir. Se precisar, chamarei.

CENA V

(Inês, Garcin, Estelle)

INÊS – A senhora é muito bonita. Eu queria ter flores para lhe desejar as boas-vindas.

ESTELLE – Flores? É mesmo. Gostava muito de flores. Aqui elas murchariam: faz tanto calor! Ora! O principal, não acha? é conservar o bom-humor. A senhora está...

INÊS – Sim, a semana passada. E a senhora?

ESTELLE – Eu? Ontem. A cerimônia não acabou. *(Fala com muita naturalidade, mas como se estivesse vendo o que descreve)* O vento desmancha o véu de minha irmã. Ela faz o que pode para chorar. Vamos, vamos! Mais um esforço! Aí está. Duas lágrimas, duas lágrimas pequenas brilhando sob o crepe. Olga Jardet está muito feia, esta manhã. Sustém minha irmã pelo braço. Não chora, por causa do *"rímel"*. E devo confessar que eu, no seu lugar... Era minha melhor amiga.

INÊS – A senhora sofreu muito?

ESTELLE – Não. Estava antes embrutecida.

INÊS – O que foi que...?

ESTELLE – Uma pneumonia *(Mesma atitude)* Pronto. Acabou-se. Vão-se embora todos. Bom dia! Quantos apertos de mão! Meu marido ficou em casa: está doente de pesar. *(A Inês)* E a senhora?

INÊS – Gás.

ESTELLE – E o senhor, aí?

GARCIN – Doze balas no peito. *(Gesto de Estelle)* Desculpe-me: não sou um morto de boa sociedade.

ESTELLE – Oh! Meu caro senhor! Se quisesse deixar de empregar palavras tão cruas assim! É... é "chocante". Afinal de contas, o que significa isto? Quem sabe se nunca estivemos tão vivos como agora? Quando for preciso referir-se a este... estado de coisas, proponho que nos chamemos "ausentes", será mais correto. O senhor há quanto tempo está ausente?

GARCIN – Há um mês, mais ou menos.

ESTELLE – De onde é o senhor?

GARCIN – Do Rio.

ESTELLE – Eu, de Paris. Tem ainda alguém por lá?

GARCIN – Minha mulher. *(Mesma atitude de Estelle)* Ela veio ao quartel, como todos os dias, não a deixaram entrar. Olha entre as barras da grade. Ainda não sabe que estou ausente, mas desconfia. Vai-se embora, agora. Está toda de preto. Tanto melhor: não precisará mudar o vestido. Ela não chora: não chorava, nunca. O sol está lindo, e ela está toda de preto na rua deserta, com aqueles seus grandes olhos de vítima. Ah! Ela me irrita.

(Um silêncio. Garcin vai sentar-se no sofá do meio, e esconde a cabeça entre as mãos)

INÊS – Estelle!

ESTELLE – Senhor, senhor Garcin!

GARCIN – Senhora?

ESTELLE – O senhor sentou-se no meu sofá.

GARCIN – Perdão.

(Levanta-se)

ESTELLE – Parecia distraído.

GARCIN – Estou pondo a minha vida em ordem. *(Inês começou a rir)* Os que riem fariam melhor se me imitassem.

INÊS – Minha vida está em ordem. Perfeitamente em ordem. Ela mesma se pôs em ordem por lá; não tenho que me preocupar com isso.

GARCIN – Verdade? E a senhora acha isso tão simples! *(Passa a mão pela testa)* Que calor! Dão-me licença?

(Faz menção de tirar o paletó)

ESTELLE – Ah! Não! *(Com mais doçura)* Isso não. Tenho horror a homens em mangas-de-camisa.

GARCIN – *(Vestindo de novo o paletó)* Está bem. *(Um tempo)* Passava as noites nas salas de redação. Fazia sempre um calor de esterco. É noite.

ESTELLE – É verdade! Já é de noite. Olga se despe. Como o tempo passa depressa na Terra.

INÊS – É de noite. Lacraram a porta do meu quarto. E o quarto está vazio no escuro.

GARCIN – Eles puseram os paletós no encosto das cadeiras e enrolaram as mangas da camisa acima dos cotovelos. Há um cheiro de homem e de charuto. *(Um silêncio)* Eu gostava de viver no meio de homens em mangas-de-camisa.

ESTELLE – *(Secamente)* Pois é: não temos o mesmo gosto. É tudo o que isso quer dizer *(A Inês)* E a senhora? Gosta disso? De homens em mangas-de-camisa?

INÊS – Em mangas-de-camisa, ou não, não gosto de homens.

ESTELLE – *(Olhando com espanto os dois outros)* Mas por que, por que nos puseram juntos?

INÊS – *(Num grito abafado)* Que está dizendo?

ESTELLE – Olho para os dois, e penso que temos que morar juntos... Eu esperava encontrar aqui amigos, família.

INÊS – Um excelente amigo com um buraco no meio da cara.

ESTELLE – Esse também. Dançava tango como um profissional. Mas nós, nós, por que foi que nos juntaram?

GARCIN – Ora, por acaso! Eles vão arrumando a gente onde podem, por ordem de chegada. *(A Inês)* Por que está rindo?

INÊS – Porque o senhor me diverte com essa história de acaso. Será que o senhor tem assim tanta necessidade de apurar as coisas? Eles não fazem nada por acaso.

ESTELLE – *(Com timidez)* Mas quem sabe se já nos encontramos antes?

INÊS – Nunca. Eu não a teria esquecido.

ESTELLE – Então, quem sabe, temos relações comuns? Não conhece os Dubois-Seynour?

INÊS – Acho que não.

ESTELLE – Recebem todo o mundo.

INÊS – E o que fazem?

ESTELLE – *(Surpresa)* Nada. Têm um castelo em Corrèze e ...

INÊS – Eu... Eu era uma empregada dos Correios.

ESTELLE – *(Um pequeno recuo)* Ah? Então explica-se... *(Um tempo)* E o senhor, senhor Garcin?

GARCIN – Nunca saí do Rio.

ESTELLE – Nesse caso, o senhor tem toda razão: foi o acaso que nos juntou.

INÊS – O acaso! Então, é por acaso que estes móveis estão aqui? É por acaso que o sofá da direita é verde-espinafre e o da esquerda é *"bordeaux"*? Por acaso, não é? Pois experimentem trocá-los de lugar, e verão o que acontece. E esse bronze, também é um acaso? E este calor? *(Um silêncio)* O que lhes digo é que isto foi preparado com carinho, nos mínimos detalhes. Este aposento estava a nossa espera.

ESTELLE – Mas como assim? Tudo aqui é tão feio, tão duro, tão anguloso! Eu tinha horror aos ângulos.

INÊS – *(Erguendo os ombros)* Pensa então que eu vivi num salão Segundo império?

(Um tempo)

ESTELLE – Então, tudo é previsto?

INÊS – Tudo. E nós combinamos com isso tudo.

ESTELLE – Não será por um acaso que a senhora, a senhora está à minha frente? *(Um tempo)* Que é que eles esperam?

INÊS – Não sei. Mas esperam.

ESTELLE – Não posso tolerar que esperem qualquer coisa de mim. Isso me dá logo vontade de fazer o contrário.

INÊS – Pois então faça! Faça! Nem ao menos sabem o que eles querem.

ESTELLE – *(Batendo o pé)* É insuportável. E por causa de vocês dois qualquer coisa tem que acontecer! *(Olha-os)* Por causa de vocês dois. Havia rostos que me falavam logo. Os seus não me dizem nada.

GARCIN – *(Bruscamente, a Inês)* Vamos! Por que é, então, que estamos juntos? Já disse muita coisa: vá até o fim!

INÊS – *(Surpresa)* Não sei nada disso, absolutamente nada.

GARCIN – Precisa saber.

(Reflete um momento)

INÊS – Se algum de nós tivesse ao menos a coragem de dizer...

GARCIN – O que?

INÊS – Estelle.

ESTELLE – Que é?

INÊS – Que foi que a senhora fez? Por que a mandaram para aqui?

ESTELLE – *(Com vivacidade)* Mas eu não sei, não sei absolutamente nada. Pergunto-me mesmo se tudo isto não será um equívoco *(A Inês)* Não dê risadas. Pense só na quantidade de pessoas que... que se ausentam a cada dia. Chegam aqui aos milhares e têm que tratar com subalternos, com empregados sem instrução. Como quer que não haja equívocos? Não dê risada, não. *(A Garcin)* E o senhor, diga alguma coisa. Se se enganaram no meu caso, também podiam ter se enganado no seu. *(A Inês)* E no seu também. Não será melhor pensar que estamos aqui por equívoco?

INÊS – É tudo o que nos tem a dizer?

ESTELLE – Que mais quer saber? Não tenho o que esconder. Eu era órfã e pobre, e educava meu irmão mais moço. Um velho amigo de meu pai pediu-me em casamento. Era rico e bom: eu aceitei. Que faria a senhora no meu lugar? Meu irmão era doente, e sua saúde reclamava os maiores cuidados. Seis anos vivi com meu marido, sem o menor contratempo. Há dois anos, encontrei aquele a que eu devia amar. Reconhecemo-nos *incontinenti*: ele queria fugir comigo e recusei. Depois, tive a minha pneumonia. É tudo. Invocando certos princípios, talvez haja quem possa me culpar de ter sacrificado a um velho a minha mocidade. *(A Garcin)* Acha que isso seja um crime?

GARCIN – Claro que não. *(Um tempo)* E a senhora, acha que seja um crime viver segundo seus princípios?

ESTELLE – Quem poderia censurá-lo por isso?

GARCIN – Eu dirigia um jornal pacifista. Rebentou a guerra. Que fazer? Todos os olhos estavam grudados em mim. Vamos ver se ele terá coragem. Pois tive coragem. Cruzei os braços e eles me fuzilaram. Que crime há nisso? Que crime?

ESTELLE – *(Pousando-lhe a mão no braço)* Não há crime. O senhor é...

INÊS – *(Concluindo com ironia)* Um herói. E sua mulher, Garcin?

GARCIN – Que é que tem? Tirei-a da sarjeta.

ESTELLE – *(A Inês)* Está vendo? Está vendo?

INÊS – Estou vendo. *(Um tempo)* Para quem está representando essa comédia se estamos entre nós?

ESTELLE – *(Com insolência)* Entre nós?

INÊS – Entre assassinos. Estamos no inferno, minha filha; e aqui não pode haver erros, e não se condena ninguém à toa.

ESTELLE – Cale-se!

INÊS – No inferno! Condenados! Condenados!

ESTELLE – Cale-se! Faça o favor de calar-se. Proíbo-a de empregar expressões grosseiras.

INÊS – Condenada, a santinha. Condenado, o herói sem mácula. Tivemos nossos momentos de prazer, não é verdade? Houve pessoas que sofreram por nós até a morte, e isso nos divertia bastante. Agora, temos que pagar.

GARCIN – *(Erguendo a mão)* Vai calar-se ou não?

INÊS – *(Encarando-o sem medo, mas com enorme surpresa)* Ah! *(Um tempo)* Esperem aí. Agora compreendo, agora sei porque nos puseram juntos.

GARCIN – Tome cuidado com o que vai dizer.

INÊS – Vão ver como é tolo. Tolo como tudo. Não. Não existe tortura física, não é mesmo? E, no entanto, estamos no inferno. E ninguém mais chegará. Ninguém. Temos que ficar juntos, sozinhos, até o fim. Não é isso? Quer dizer que há alguém que faz falta aqui: o Carrasco.

GARCIN – *(A meia voz)* Bem sei.

INÊS – Pois é. Fizeram uma economia de pessoal. Só isso. São fregueses que se servem, como nos restaurantes cooperativos.

ESTELLE – Que quer dizer?

INÊS – Cada um de nós é o carrasco para os outros dois.

(Um tempo. Eles ruminam a idéia)

GARCIN – *(Com voz doce)* Não serei o carrasco de ninguém. Não lhes desejo mal, e nada tenho que ver com as senhoras. Nada. É muito simples. Vejam só: cada qual no seu canto; esse é que é o jogo. A senhora aqui, a senhora ali, eu lá. E silêncio. Nem um pio. Não é difícil, não é mesmo? Cada um de nós tem muito que se incomodar consigo mesmo. Acho que eu seria capaz de passar dez mil anos sem falar.

ESTELLE – É preciso que eu me cale?

GARCIN – É, sim. E... estaremos salvos. Calar-se. Olhar em si mesmo, jamais erguer a cabeça. Estão de acordo?

INÊS – De acordo.

ESTELLE – *(Depois de hesitar)* De acordo.

GARCIN – Então adeus.

(Dirige-se ao seu sofá, e põe a cabeça entre as mãos. Silêncio. Inês põe-se a cantar para si mesma)

Na rua das Capas-Brancas
Eles plantaram palancas
E ergueram alavancas
A força feita de trancas
Na rua das Capas-Brancas.

Na rua das Capas-Brancas
Vêm chegando, andando em pancas
Tropeçando nas travancas
Algumas nobres carrancas
E o carrasco bruto espanca-as
Na rua das Capas-Brancas.

Na rua das Capas-Brancas
Vieram damas algo mancas
Mas ainda mexendo as ancas
Um gesto qualquer estanca-as
E rolam do alto das bancas
As belas cabeças francas
Na sarjeta das Capas-Brancas.

(Nesse meio-tempo, Estelle empoa o rosto e pinta os lábios. Ao empoar-se, procura por todos os lados, inquieta, um espelho. Remexe a sua bolsa, e volta-se para Garcin)

ESTELLE – O senhor terá um espelho? *(Garcin não responde)* Um espelho, um espelhinho de bolso, não importa. *(Garcin não responde)* Se me deixam sozinha, pelo menos arranjem-me um espelho.

(Garcin continua com a cabeça entre as mãos, sem responder)

INÊS – *(Com solicitude)* Tenho um espelho na minha bolsa. *(Procura-o na bolsa. Com raiva)* Não está mais. Devem ter ficado com ele no depósito.

ESTELLE – Que aborrecimento!

(Um tempo. Ela fecha os olhos e cambaleia. Inês corre e ampara-a)

INÊS – Que tem?

ESTELLE – *(Abre os olhos e sorri)* Sinto uma coisa esquisita. *(Apalpa-se)* Com a senhora não é assim também? Quando não me vejo, por mais que me apalpe, fico na dúvida se existo mesmo de verdade.

INÊS – Tem sorte. Eu sempre me sinto interiormente.

ESTELLE – Ah! Sim, interiormente... Tudo o que se passa nas cabeças é tão vago que me dá sono. *(Um tempo)* Meu quarto-de-dormir tem seis espelhos grandes. Estou vendo todos. Estou vendo. Mas eles não me vêem. Eles refletem a conversadeira, o tapete, a janela... Como é vazio um espelho em que eu não estou! Quando eu falava, sempre dava jeito para que houvesse um espelho em que pudesse ver. Eu falava, e me via falar. Eu me via como os outros me viam: por isso ficava acordada. *(Com desespero)* Meu *"rouge"*! Tenho certeza de que me pintei mal. Mas eu não posso ficar sem espelho por toda a eternidade.

INÊS – Quer que eu lhe sirva de espelho? Venha, convido-a a vir à minha casa. Sente-se aí no meu sofá.

ESTELLE – *(Mostrando Garcin)* Mas...

INÊS – Façamos de conta que ele não existe.

ESTELLE – Nós vamos nos fazer mal: foi a senhora quem disse.

INÊS – Acha que eu possa querer o seu mal?

ESTELLE – Sabe-se lá!

INÊS – Você é que vai me fazer mal. Mas, que importa? Já que é preciso sofrer, que seja por você. Sente-se. Venha mais perto. Mais. Olhe nos meus olhos: está se vendo neles?

ESTELLE – Estou tão pequeninha. Vejo-me muito mal.

INÊS – Mas eu vejo você, inteirinha. Faça-me perguntas. Nenhum espelho será mais fiel.

(Estelle, incomodada, volta-se para Garcin, como para pedir auxílio)

ESTELLE – O senhor, por favor! Não estamos incomodando com a nossa tagarelice?

(Garcin não responde)

INÊS – Deixe-o em paz: ele não conta mais; estamos sozinhas. Faça-me perguntas.

ESTELLE – Pintei bem meus lábios?

INÊS – Deixe ver. Não muito bem.

ESTELLE – Bem que eu desconfiava. Felizmente que *(Lança um olhar a Garcin)* ninguém me viu. Vou pintar de novo.

INÊS – É melhor. Não. Acompanhe o desenho dos lábios; deixe que eu ajude. Assim, assim. Está bem.

ESTELLE – Tão bem como eu estava quando cheguei?

INÊS – Melhor. Mas pesado, mais cruel. Essa boca de inferno...

ESTELLE – Hum! Está bem mesmo? Como é desagradável: não poder julgar-me por mim mesma. A senhora jura que está bem mesmo?

INÊS – Não quer me tratar por "você"?

ESTELLE – Você jura que está bem?

INÊS – Você é linda!

ESTELLE – Mas será que a senhora tem bom gosto? O meu gosto? Como é desagradável, como é desagradável!

INÊS – Tenho, sim, o seu gosto, porque você me agrada. Olhe bem para mim. Sorria. Eu também não sou feia. Será que eu não valho mais que um espelho?

ESTELLE – Não sei. A senhora me intimida. Minha imagem, nos espelhos, era domesticada. Eu a conhecia tão bem!... Eu vou sorrir: meu sorriso irá até o fundo das suas pupilas e Deus sabe o que será dele!

INÊS – E quem impede você de me domesticar? *(Olham-se. Estelle sorri meio fascinada)* Não quer mesmo me tratar por "você"?

ESTELLE – Custa-me tratar as mulheres por "você".

INÊS – E particularmente as empregadas dos Correios, imagino? Que é que você tem aí, no rosto, embaixo? Essa mancha vermelha?

ESTELLE – *(Num sobressalto)* Mancha vermelha? Que horror! Onde?

INÊS – Aqui! Aqui! Eu sou o espelho que atrai as cotovias, minha pequena cotovia; pilhei. Não há vermelhidão alguma! Nem sinal! Hein? Que tal se o espelho começasse a mentir? Ou se eu fechasse os olhos, se não quisesse olhar, que faria de toda a beleza? Não tenha medo: preciso olhar para você, meus olhos ficarão sempre bem abertos. E eu serei boazinha. Mas você tem que me dizer: "você.

Um tempo.

ESTELLE – Você gosta de mim?

INÊS – Muito!

Um tempo.

ESTELLE – *(Designando Garcin com a cabeça)* Eu queria que ele também olhasse para mim.

INÊS – Sim! Porque é um homem. *(A Garcin)* O senhor ganhou. *(Garcin não responde)* Olhe para ela, de uma vez! *(Garcin não responde)* Basta de comédia: o senhor não perdeu um apalavra do que dizíamos.

GARCIN – *(Erguendo bruscamente a cabeça)* Diz bem: nem uma palavra. Por mais que eu enterrasse os dedos nos ouvidos, as senhoras falavam dentro da minha cabeça. Quer me deixar em paz, agora? Não tenho nada com a senhora.

INÊS – E com essa pequena: tem alguma coisa? Percebi sua manobra: foi para interessá-la que tomou esses ares importantes.

GARCIN – Já disse que me deixe. Alguém, no jornal, está falando de mim e quero ouvir. Essa pequena não me interessa; pode ficar tranqüila.

ESTELLE – Obrigada.

GARCIN – Eu não queria ser grosseiro...

INÊS – Grosseirão!

(Um tempo. Estão de pé, diante uns dos outros)

GARCIN – Está aí! *(Um tempo)* Eu tinha pedido que se calassem.

ESTELLE – Foi ela quem começou. Veio oferecer-me o espelho, sem que eu tivesse pedido nada.

INÊS – Nada. Apenas esfregava-se nele e fazia tudo para que ele olhasse para você.

ESTELLE – E daí?

GARCIN – Estão loucas? Não estão vendo onde é que vamos parar? Calem-se de uma vez! *(Um tempo)* Vamos nos sentar de novo calmamente, fechar os olhos, e cada qual procurará esquecer a presença dos outros.

(Um tempo. Ele senta-se de novo. Elas voltam, hesitantes, para seus lugares. Inês vira-se bruscamente)

INÊS – Ah! Esquecer! Que infantilidade! Eu o sinto até nos meus ossos. Seu silêncio grita em minhas orelhas. Pode soltar a boca, pode cortar a língua; será que por isso o senhor deixaria de existir? Faria parar esse pensamento que estou ouvindo, que faz tic-tac como um despertador? E sei que o senhor ouve o meu. É inútil encolher-se todo no seu sofá: o senhor está por toda a parte; os sons me chegam sujos porque o senhor os ouviu quando passavam. O senhor roubou até meu próprio rosto: o senhor conhece o meu rosto e eu não conheço. E ela? Ela? O senhor roubou-a de mim: se estivéssemos sozinhas, pensa que ela me trataria como me trata? Não , não! Tire essas mãos da cara. É cômodo, não é? Mas eu não deixo. O senhor ficaria aí, insensível, mergulhado em si mesmo como um Buddha; eu , de olhos fechados, sentindo que ela lhe dedica todos os ruídos de sua vida, até mesmo o farfalhar de seu vestido, e lhe manda sorrisos que o senhor não vê... Nada disso! Quero escolher meu inferno: olhar para o senhor desassombradamente e lutar de rosto nu.

GARCIN – Está bem. Estou vendo que era preciso chegar a este ponto: eles manobram conosco como se fôssemos criancinhas. Se me tivessem alojado entre homens... os homens sabem calar-se. Mas não se deve exigir muito. *(Aproxima-se de Estelle e acaricia-lhe o queixo)* Então eu sou do seu gosto? Dizem que você estava de olho em mim...

ESTELLE – Não me toque.

GARCIN – Ora! Vamos ficar à vontade. Eu gostava muito de mulheres, sabe? E elas de mim, muito. Esteja a gosto. Não temos mais nada a perder. Polidez, por quê? Cerimônias, por quê? À vontade! Daqui a pouco, estaremos nuzinhos como minhocas.

ESTELLE – Deixe-me!

GARCIN – Como minhocas! Ah! Eu avisei em tempo. Não lhes pedi nada, nada mais do que paz e um pouco de silêncio. Enterrei os dedos nos ouvidos. Gomez falava, de pé entre as mesas, e todos os camaradas do jornal ouviam. Em mangas-de-camisa. Eu queria entender o que diziam mas era difícil: os acontecimentos da Terra passam tão depressa. Vocês querem, ou não, calar-se? Agora, acabou-se; ele já não está falando, e o que pensa de mim entrou de novo na sua cabeça. Pois bem, temos que ir até o fim. E nus como minhocas: preciso saber com quem estou lidando.

INÊS – Já sabe. Agora já sabe.

GARCIN – Enquanto cada um de nós não confessar por que foi condenado, nada saberemos. Você aí, a loira, comece! Por que foi? Diga porquê: sua fraqueza pode evitar catástrofes; quando conhecermos nossas sujeiras todas... Vamos por que foi?

ESTELLE – Digo que ignoro tudo. Eles não quiseram me contar.

GARCIN – Eu sei. A mim também não quiseram responder. Mas eu me conheço. Tem medo de ser a primeira a falar? Pois bem, eu começo. *(Um silêncio)* Eu não sou boa coisa.

INÊS – Está certo. Sabe-se que o senhor desertou.

GARCIN – Deixe isso. Não fale isso, nunca. Estou aqui porque torturei minha mulher. Apenas isso. Durante cinco anos. Naturalmente, ela ainda está sofrendo. Lá está ela: assim que falo dela, começo a vê-la. É Gomez que me interessa, e é ela que eu vejo. Onde está Gomez? Durante cinco anos. Sabem? Eles lhe entregaram as minhas roupas; ela está sentada perto da janela, e pôs meu paletó sobre os joelhos. O paletó do doze buracos! O sangue parece ferrugem. Os bordos dos orifícios estão chamuscados. Ah! É uma peça de museu, um paletó histórico! E dizer que eu usei aquilo! Você vai chorar? Vai acabar por chorar? Eu entrava em casa bêbado como uma cabra, com cheiro de vinho e de mulher. Ela me havia esperado a noite toda; e não chorava. Nem uma palavra de censura, naturalmente. Apenas seus olhos. Seus grandes olhos. Não me arrependo de nada. Pagarei, mas não me arrependo. Cai neve lá fora. Mas você vai chorar, afinal? É uma mulher que tem vocação para mártir.

INÊS – *(Quase com doçura)* Por que a fez sofrer?

GARCIN – Porque era fácil. Uma palavra bastava para fazê-la mudar de cor; era uma sensitiva. Ah! Nem uma censura! Sou muito implicante. Esperava, esperava sempre. Mas, nada: nem um choro, nem uma censura. Eu a tinha tirado da sarjeta, compreendem? Ela passa a mão pelo paletó sem olhar. Seus dedos procuram os buracos, às cegas. Que é que você aguarda? Que é que você espera? Digo-lhe que não me arrependo de nada. Enfim, ela me admirava demais. Compreendem isso?

INÊS – Não. A mim, ninguém admirava.

GARCIN – Tanto melhor. Tanto melhor para a senhora. Tudo isso pode parecer abstrato. Pois bem, eis um caso pitoresco. Eu tinha instalado em casa uma mulata. Que noites! Minha mulher, que dormia no primeiro andar, de certo ouvia tudo. Era a primeira a levantar-se; e como nós ficávamos deitados até tarde, ela nos trazia o café-com-leite na cama.

INÊS – Cafajeste!

GARCIN – Pois é: o cafajeste bem amado *(Parece distraído)* Não é nada. É Gomez; mas não está falando de mim. Um cafajeste, a senhora estava dizendo? Claro! Se não, que estaria eu fazendo aqui? E a senhora?

INÊS – Bem... Eu era o que eles chamam, por lá, uma mulher condenada. Já condenada, não é verdade? Por isso, não houve grandes surpresas.

GARCIN – E é só?

INÊS – Não. Há também aquele caso com Florence. Mas é uma história de mortos. Três mortos. Primeiro ele, depois ela e eu. Não sobrou ninguém; estou tranqüila; apenas o quarto. De tempos em tempos, vejo o quarto. Vazio, de janelas fechadas. Arre! Afinal tiraram os lacres. "Aluga-se"!... Está para alugar. Tem um letreiro pregado na porta. É... irrisório.

GARCIN – Três? A senhora disse três?

INÊS – Três.

GARCIN – Um homem e duas mulheres?

INÊS – Sim.

GARCIN – Como? *(Um silêncio)* Ele matou-se?

INÊS – Ele? Seria incapaz disso. E não é que não tivesse sofrido. Não. Ficou debaixo de um bonde, esmagado. Que brincadeira! Eu morava em casa deles; era meu primo.

GARCIN – Florence era loira?

INÊS – Loira? *(Olha para Estelle)* Sabe uma coisa? Não me arrependo de nada, mas não me agrada contar essa história.

GARCIN – Vamos! Vamos! Foi ficando com nojo dele?

INÊS – Pouco a pouco. Uma palavra aqui, outra ali... Por exemplo: ele fazia barulho quando bebia: soprava pelo nariz dentro do copo. Coisinhas. Oh! Era um coitado, vulnerável. Por que está rindo?

GARCIN – Porque eu... eu não sou vulnerável.

INÊS – Isso não se sabe. Eu escorreguei dentro dela; ela viu isso por meus olhos... Enfim, tive que ficar com ela. Tomamos um quarto no outro extremo da cidade.

GARCIN – E então?

INÊS – Então, aconteceu aquele bonde... Eu lhe dizia sempre: Está vendo meu bem? Nós o matamos. *(Um silêncio)* Eu sou má.

GARCIN – E eu também.

INÊS – Não. O senhor... O senhor não é mau; é outra coisa.

GARCIN – O quê?

INÊS – Mais tarde eu lhe direi. Eu, sim, sou má; quer dizer que preciso do sofrimento dos outros para existir. Uma tocha. Uma tocha nos corações. Quando estou sozinha, apago-me. Durante seis meses eu ardi no coração dela; queimei tudo. Uma noite ela levantou-se, foi abrir a torneira do gás, sem que eu percebesse; depois voltou, deitou-se ao meu lado. É tudo.

GARCIN – Hum!

INÊS – Que há?

GARCIN – Nada. Isso não está direito.

INÊS – Pois é, não está direito. E daí?

GARCIN – Oh! Tem razão. *(A Estelle)* Você agora. Que foi que você fez?

ESTELLE – Já disse que eu não estava sabendo de nada. Por mais que eu me pergunte...

GARCIN – Bem. Então vamos ajudá-la. Aquele sujeito de cara rebentada, quem era?

ESTELLE – Que sujeito?

GARCIN – Você sabe muito bem. Aquele de quem você tinha medo, quando chegou aqui.

ESTELLE – Era um amigo.

GARCIN – Por que tinha medo dele?

ESTELLE – O senhor não tem o direito de me interrogar.

INÊS – Foi por sua causa que ele se matou?

ESTELLE – Que absurdo! A senhora está louca.

GARCIN – Então, por que é que ele lhe metia medo? Deu um tiro na cara, hein? Foi isso que lhe arrancou a cabeça?

ESTELLE – Calem-se! Calem-se!

GARCIN – Por sua causa! Por sua causa!

INÊS – Um tiro por sua causa!

ESTELLE – Deixem-me em paz. Tenho medo de vocês. Quero ir-me embora! Quero ir-me embora!

(Precipita-se para a porta e sacode-a)

GARCIN – Pode ir. Não quero outra coisa. Mas o diabo é que a porta está fechada por fora.

(Estelle aperta o botão da campainha, mas esta não toca. Inês e Garcin riem. Encostada à porta, Estelle volta-se para eles)

ESTELLE – *(De voz rouca e lenta)* Vocês são ignóbeis.

INÊS – Perfeitamente, ignóbeis. E daí? Então, o tal sujeito matou-se por sua causa. Era seu amante?

GARCIN – É claro que era seu amante. E queria você só para ele. Não é isso?

INÊS – Dançava tango como um profissional, mas era pobre, imagino.

(Um silêncio)

GARCIN – Estamos perguntando se ele era pobre.

ESTELLE – Sim era pobre.

GARCIN – Além disso, você tinha que zelar pela sua reputação. Um dia, ele chegou, suplicou, e você fez troça.

INÊS – Hein? Hein? Hein? Você fez troça? E foi por isso que você se matou?

ESTELLE – Era com esses olhos que você olhava para Florence?

INÊS – Era.

(Um tempo e Estelle começa a rir)

ESTELLE – Estão completamente errados. *(Ela aproxima-se e encara-os encostada sempre à porta. Num tom seco e provocante)* Ele queria que eu tivesse um filho. Pronto! Estão contentes?

GARCIN – E você, você não queria?

ESTELLE – Não queria. Mas a criança veio, assim mesmo. Fui passar cinco meses na Suíça. Ninguém soube de nada. Era uma menina. Roger estava a meu lado quando ela nasceu. Achava interessante ter uma filha. Eu, não.

GARCIN – Depois?

ESTELLE – Havia um balcão sobre um lago. Arranjei uma pedra grande. Ele gritava: *"Estelle, por favor, eu suplico!"* Eu o detestava. Ele viu tudo. Debruçou-se no balcão e viu os círculos concêntricos na água do lago.

GARCIN – Depois?

ESTELLE – Nada mais. Voltei a Paris, e ele fez o que bem entendeu.

GARCIN – Estourou os miolos?

ESTELLE – Isso mesmo. Mas não era preciso fazer isso: meu marido não desconfiava de nada. *(Um tempo)* Tenho ódio de vocês.

(Tem uma crise de soluços secos)

GARCIN – É inútil. Aqui as lágrimas não correm.

ESTELLE – Que covarde que eu sou! Que covarde! *(Um tempo)* Se soubessem como tenho ódio de vocês!

INÊS – *(Tomando-a nos braços)* Coitadinha! *(A Garcin)* Acabou-se o inquérito. Não adianta ficar com essa fuça de carrasco.

GARCIN – De carrasco... *(Olhando em torno)* Daria tudo por me ver num espelho. *(Um tempo)* Que calor! *(Maquinalmente tira o paletó)* Ah! Desculpe.

(Vai vestí-lo de novo)

ESTELLE – Pode ficar em mangas-de-camisa. Agora...

GARCIN – Está bem. *(Atira o paletó sobre o sofá)* Não me queira mal, Estelle.

ESTELLE – Não lhe quero mal.

INÊS – E a mim? Você quer mal?

ESTELLE – Sim.

Um silêncio.

INÊS – Pois é, Garcin. Estamos nus como minhocas. Está enxergando melhor agora?

GARCIN – Não sei. Talvez um pouquinho melhor. *(Com timidez)* Será que a gente não poderia experimentar ajudar-nos uns aos outros?

INÊS – Não preciso que me ajudem.

GARCIN – Inês, eles emaranharam todos os fios. Se você fizer o menor gesto e erguer a mão para se abanar, Estelle e eu sentiremos o abalo. Nenhum de nós pode se salvar sozinho. Temos que nos perder juntos, ou que nos desembaraçar juntos. Escolha. *(Um tempo)* Que tal?

INÊS – Já alugaram. As janelas estão escancaradas. Há um homem sentado na minha cama. Já alugaram! Já alugaram! Entre! Entre! Não faça cerimônias! É uma mulher. Ela se dirige a ele, e pousa as mãos nos seus ombros... Que é que estão esperando para acender a luz? Não se enxerga mais nada. Será que se vão beijar? Esse quarto é meu. É

meu! Por que não acendem a luz? Já não posso vê-los. Que é que estão cochichando? Será que ele vai acariciá-la na minha cama? Ela lhe diz que é meio-dia e que o sol está forte. Será que estou ficando cega? *(Um tempo)* Pronto. Acabou-se: não vejo mais, não escuto mais. Pois é. Acho que com a Terra está tudo acabado. Nada de álibi. *(Estremece)* Sinto-me vazia. Agora estou morta, de verdade. Completamente aqui. *(Um tempo)* Que estava dizendo? Falava-me em ajudar-me, não é?

GARCIN – É.

INÊS – A quê?

GARCIN – A estragar o joguinho deles.

INÊS – A troco de quê?

GARCIN – Você me ajudará. É preciso muito pouco, Inês: apenas um pouquinho de boa-vontade.

INÊS – Boa-vontade? Onde é que vou achar isso? Eu estou podre.

GARCIN – E eu ? *(Um tempo)* Mas se experimentássemos, assim mesmo?

INÊS – Estou ressequida. Não posso receber, nem dar: como quer que o ajude? Um galho morto: o fogo o devora. *(Um tempo, olha Estelle, que tem a cabeça entre as mãos)* Florence era loira.

GARCIN – Sabe você, por acaso, que essa pequena vai ser seu carrasco?

INÊS – É possível que eu já tenha desconfiado disso.

GARCIN – Com ela é que eles vão pegar você. Quanto a mim... eu... eu... ela não me interessa. Ao passo que com você...

INÊS – O quê?

GARCIN – É um armadilha. Eles estão à espreita, a ver se você cai na cilada.

INÊS – Bem sei. E você, é outra armadilha. Pensa que eles não previram todas as suas palavras? E que debaixo delas não há alçapões que nós mesmos não vemos? Tudo é armadilha. Mas que me importa? Eu também sou uma armadilha. Uma armadilha para ela. Quem sabe se eu é que vou pegá-la.

GARCIN – Não vai pegar coisa alguma. Somos cavalinhos-de-pau, que correm um atrás do outro, sem nunca se alcançar. Acredito que eles preparam tudo. Solte, Inês. Abra as mãos, largue a presa! Do contrário você fará a infelicidade de nós três.

INÊS – Será que eu tenho cara de quem larga a presa? Eu sei o que me espera. Vou arder, estou ardendo, e sei que isso não terá fim; sei tudo; pensa que largarei a presa? Hei de tê-la; ela há de ver você pelos meus olhos, como Florence via o outro. Que tem você que falar de sua desgraça? Digo que sei tudo e nem sequer posso ter pena de mim.

Uma armadilha! Ah! Uma armadilha. Naturalmente que caí na esparrela. E daí? Se eles estão contentes, tanto melhor.

GARCIN – *(Tomando-a pelos ombros)* Eu posso ter pena de você. Olhe para mim: estamos nus. Nus até os ossos; e conheço você até o fundo do coração. É um elo entre nós. Acredita que lhe queria fazer mal? Não me arrependo de nada, não me queixo; eu também estou ressequido. Mas de você posso ter pena.

INÊS – *(Que se abandonara enquanto ele falava, agora se desembaraça)* Não me toque. Detesto que me toquem. E fique com a sua piedade. Vamos! Para você também, Garcin, há muitas armadilhas nesse quarto: para você. Preparadas para você. É melhor meter-se com sua vida. *(Um tempo)* Se você nos deixar, a essa pequena e a mim, completamente em paz, tratarei de não prejudicar você em nada.

GARCIN – *(Olhando-a um momento, e depois dando de ombros)* Está bem.

ESTELLE – *(Erguendo a cabeça)* Socorro, Garcin!

GARCIN – Que quer de mim?

ESTELLE – *(Levantando-se e aproximando-se dele)* A mim você pode ajudar.

GARCIN – Entenda-se com ela.

(Inês que se aproxima de Estelle, coloca-se bem atrás dela, sem tocá-la. Durante as réplicas que se seguem, ela lhe falará quase ao ouvido. Mas Estelle voltada para Garcin, que a olha sem falar, responde apenas a este, como se fosse ele quem a interrogasse)

ESTELLE – Por favor, o senhor me prometeu, o senhor me prometeu! Garcin, depresssa, depressa! Não quero ficar sozinha. Olga levou-o ao *dancing*.

INÊS – Quem foi que ela levou?

ESTELLE – Pierre. Estão dançando juntos.

INÊS – Quem é Pierre?

ESTELLE – Um bobinho. Ele me chamava a sua água-viva. Ele gostava de mim. Ela levou-o ao *dancing*.

INÊS – Você gosta dele?

ESTELLE – Sentam-se de novo. Ela está exausta. Por que é que ela dança? A não ser para emagrecer. É claro que não. É claro que eu não gostava dele. Ele tem dezoito anos eu não sou nenhum bicho-papão.

INÊS – Então, deixe-os. Por que se incomodar com isso?

ESTELLE – Ele era meu.

INÊS – Nada mais é seu sobre a Terra.

ESTELLE – Ele era meu.

INÊS – Sim, era. Experimente tomá-lo, experimente tocá-lo. Olga, sim, pode tocá-lo. Não é? Não é? Pode pegar nas suas mãos, roçar nos seus joelhos.

ESTELLE – Ela empurra contra ele o peito enorme, ela respira no seu rosto. Pequeno Polegar, pobre Pequeno Polegar, que está esperando para dar-lhe uma gargalhada na cara? Ah! Bastava um olhar meu, ela não se atreveria, nunca... Será que não sou mesmo mais nada?

INÊS – Mais nada. E não há nada mais de você sobre a Terra: tudo quanto você tem está aqui. Quer a faca-de-cortar-papel? O bronze de Barbedienne? O sofá azul é seu. E eu, meu bem, eu sou sua, para sempre.

ESTELLE – Ah! Minha? Mas qual de vocês que teria a coragem de me chamar sua água-viva? Ah! Vocês não se pode enganar: vocês sabem que eu sou um lixo. Pense em mim, Pierre, pense só em mim, defenda-me. Enquanto você pensar: *"minha água-viva, minha querida água-viva"*, eu não estarei aqui senão pela metade, não serei senão meio-culpada, serei água-viva aí perto de você. Ela está vermelha como um tomate. Ora, isso é impossível: tantas vezes nós nos rimos dela, juntos. Que música é essa? Eu gostava tanto dela! Ah! É o *"Saint-Louis Blues"*... Pois que dancem, que dancem! Garcin, você havia de se divertir se pudesse vê-la. Ela nunca saberá que eu a estou vendo. Estou vendo você, estou vendo você com esse penteado desmanchado, essa cara transtornada, e pisando nos pés dele. É de morrer de rir. Vamos! Mais depressa! Mais depressa! Ele a puxa, ele a empurra. É indecente. Mais depressa! Ele me dizia: *"Você é tão leve!"* Vamos, vamos! *(Dança enquanto fala)* Aviso você que estou vendo. Ela pouco se importa, e dança através do meu olhar. *"Nossa querida Estelle"*. Que nossa querida Estelle? Ah! Cale-se! Nem sequer chorou uma lágrima no meu enterro! Ela disse a ele: *"nossa querida Estelle"*. Tem a coragem de lhe falar de mim! Vamos! Atenção ao compasso. Nunca que ela seria capaz de falar e dançar ao mesmo tempo. Mas, o que é que... Não, não lhe conte nada: fique com ele, leve-o, guarde-o, faça dele o que quiser, mas não lhe conte nada... *(Ela parou de dançar)* Bom. Pois bem, agora pode ficar com ele. Garcin, ela contou tudo: Roger, a viagem à Suíça, a criança; ela contou tudo! *"Nossa querida Estelle não era..."* Não, não, de fato, eu não era... Ele sacode a cabeça com um ar tristonho, mas não se pode dizer que a notícia o transtornou. Fique com ele agora. Não vou disputar com você aqueles longos cílios e aqueles ares de menino que ele tinha. Ah! Ele me chamava sua água-viva, seu cristal. Pois o cristal quebrou-se em migalhas. *"Nossa querida Estelle"*... Dancem, dancem! Vamos! Atenção ao compasso! Um, dois... *(Dança)* Daria tudo no mundo para voltar um instante à Terra, um só instante, só para dançar. *(Dança um tempo)* Já não estou ouvindo bem. Apagaram as luzes, como para um tango: porque tocam em surdina? Mais alto. Como está longe! Eu não ouço mais nada. *(Deixa de dançar)* Nunca mais. A Terra me abandonou. Garcin, olhe para mim! Abrace-me!

(Por trás de Estelle, Inês faz a Garcin sinal para que se afaste)

INÊS – *(Autoritariamente)* Garcin!

GARCIN – *(Recuando um passo e mostrando Inês a Estelle)* Entenda-se com ela.

ESTELLE – *(Agarrando-o)* Não fuja! Você não é homem? Vamos, olhe para mim, não desvie os olhos: será tão custoso? Meus cabelos são de ouro, e além do mais, alguém se matou por mim. Eu lhe peço, você tem que olhar para qualquer coisa. Se não for para mim, será para o bronze, para a mesa ou para os sofás. Vale mais a pena olhar para mim, apesar de tudo. Ouça: eu caí do coração deles como um pássaro pequeno cai do ninho. Apanhe-me, ponha-me no seu coração, verá como serei boazinha.

GARCIN – *(Repelindo-a a custo)* Peço-lhe que se entenda com ela.

ESTELLE – Com ela? Não conta: é uma mulher.

INÊS – Eu não conto? Mas, meu passarinho, minha pequena cotovia, há muito tempo que você está abrigada no meu coração. Não tenha medo; olharei para você sem parar, sem um estremecimento de pálpebras. Você viverá no meu olhar como uma lantejoula num raio de sol.

ESTELLE – Um raio de sol? Ora! Não me amole! Há pouco você quis me pregar uma boa, e viu que não deu certo.

INÊS – Estelle, minha água-viva, meu cristal...

ESTELLE – Seu cristal? É grotesco. Quem é que você está querendo enganar? Todo o mundo sabe muito bem que varejei a criança pela janela. O cristal está em pedacinhos, no chão, e não me importo. Sou apenas uma pele – e minha pele não é para você.

INÊS – Venha! Você será o que quiser: água-viva, água-suja; você será no fundo dos meus olhos aquela que você gostar de ser.

ESTELLE – Largue-me! Você não tem olhos! Que hei de fazer para que me deixe? Tome!

(Cospe-lhe o rosto. Inês solta-a bruscamente)

INÊS – Garcin você me paga.

(Um tempo: Garcin ergue os ombros e dirige-se a Estelle)

GARCIN – Então? Você quer mesmo um homem?

ESTELLE – Um homem, não você.

GARCIN – Nada disso. Qualquer um serviria. Vim parar aqui, tem que ser comigo. Bom, *(Tomando-a pelos ombros)* bem sabe que não tenho nada de que você goste: não sou um bobinho e não danço o tango.

ESTELLE – Aceito-o como você é. Talvez eu o transforme...

GARCIN – Duvido. Eu serei... distraído. Tenho outras coisas em que pensar.

ESTELLE – Que coisas?

GARCIN – Para você não teriam interesse.

ESTELLE – Vou sentar-me no meu sofá e esperar que se ocupe de mim.

INÊS – *(Numa gargalhada)* Ah! Cadela de rastros! De rastros! E ele nem mesmo é bonito.

ESTELLE – *(A Garcin)* Não ouça o que ela diz. Ela não tem olhos, ela não tem ouvidos. Ela não existe.

GARCIN – Eu darei a você o que puder. Não é muito. Amor. Não: eu conheço você demais.

ESTELLE – Você me deseja?

GARCIN – Sim

ESTELLE – É que me basta.

GARCIN – Pois então...

(Inclina-se sobre ela)

INÊS – Estelle! Garcin! Vocês perderam o juízo! Mas eu estou aqui!

GARCIN – Estou vendo. E daí?

INÊS – Diante de mim? Vocês não... vocês não podem!

ESTELLE – Por que não? Sempre me despi diante da minha criada-de-quarto.

INÊS – *(Agarrando-se a Garcin)* Deixe-a! Deixe-a! Não a toque com essas mãos sujas de homem.

GARCIN – *(Empurrando-a violentamente)* Basta! Não sou nenhum cavalheiro, e não me importo de bater numa mulher!

INÊS – Você me prometeu, Garcin! Você me prometeu! Por favor, você me prometeu.

GARCIN – Foi você quem faltou com a palavra.

(Inês se afasta e recua até o fundo do aposento)

INÊS – Façam o que quiserem. Vocês são os mais fortes. Mas lembrem-se de que estou aqui olhando. Não tirarei os olhos de você, Garcin; você terá que beijá-la sob o meu

olhar. Que ódio que eu tenho de vocês dois! Amem-se! Amem-se! Estamos no inferno e a minha vez chegará.

(Durante a cena seguinte, ela olhará sem nada dizer)

GARCIN – *(Volta-se para Estelle e segura-a pelos ombros)* Dê-me a sua boca.

(Um tempo. Debruça-se sobre ela e ergue-se bruscamente)

ESTELLE – *(Num gesto de despeito)* Ah!... *(Um tempo)* Eu disse que não se importasse com ela.

GARCIN – Não se trata dela. *(Um tempo)* Gomez está no jornal. Fecharam as janelas: quer dizer que é inverno. Seis meses. Faz seis meses que eles me... Não lhe avisei que eu poderia ficar distraído? Eles estão tremendo de frio: não tiraram os paletós... É esquisito que estejam com tanto frio por lá; e eu aqui com tanto calor. Desta vez, é de mim que ele está falando.

ESTELLE – Será que isso vai demorar? *(Um tempo)* Pelo menos conte-me o que ele está dizendo.

GARCIN – Nada. Não está dizendo nada. É apenas um safado. *(Presta atenção)* Um safardana. Ora! *(Chega-se a Estelle)* Vamos tratar de nós. Você gostará de mim?

ESTELLE – *(Sorrindo)* Quem sabe?

GARCIN – Terá confiança em mim?

ESTELLE – Que pergunta boba! Você não sairá dos meus olhos, e não é com Inês que você me há de enganar.

GARCIN – É evidente. *(Um tempo. Afasta Estelle)* Eu me referia a uma outra confiança. *(Escuta)* Vá! Vá! Diga o que quiser: não estou aí para me defender. *(A Estelle)* Estelle, preciso que você tenha confiança em mim.

ESTELLE – Que complicação! Mas você tem minha boca, meus braços, meu corpo inteiro... seria tudo tão simples... Minha confiança? Mas eu... eu não tenho confiança para oferecer; é horrível como você me constrange. Ah! Para exigir assim minha confiança, você deve ter feito qualquer coisa de muito ruim.

GARCIN – Eles me fuzilaram.

ESTELLE – Já sei: você recusou-se a partir. E daí?

GARCIN – Não. Não me recusei propriamente. *(Aos invisíveis)* Ele fala bem, sabe atacar, mas não diz o que se devia fazer. Então, eu havia de entrar pela casa do general e dizer: *"Meu general, recuso-me a partir"*? Que tolice! Estaria no xadrez. Eu queria poder manifestar-me, sim, manifestar-me! Não queria que eles abafassem minha voz. *(A Estelle)* E eu... Eu tomei o trem. Eles me prenderam na fronteira.

ESTELLE – Queria ir para onde?

GARCIN – Para o México. Pensava lançar aí um jornal pacifista. *(Um silêncio)* Então? Diga alguma coisa!

ESTELLE – Que quer que eu diga? Você fez bem, já que não queria combater. *(Gesto contrariado de Garcin)* Ora, meu bem, não posso adivinhar o que é que devo responder.

INÊS – Meu tesouro, você deve dizer que ele fugiu como um leão. Porque ele fugiu, o seu queridinho. E é isso que o atormenta.

GARCIN – Fugiu, partiu! Diga como entender.

ESTELLE – Era natural que fugisse. Se você tivesse ficado eles o agarrariam.

GARCIN – Claro. *(Um tempo)* Estelle, você acha que eu sou um covarde?

ESTELLE – Mas eu não sei, meu amor: eu não estou na sua pele. Você é quem deve resolver.

GARCIN – *(Num gesto cansado)* Não sei resolver.

ESTELLE – Afinal de contas, você deve lembrar-se; deve ter tido razões para fazer o que fez.

GARCIN – Sim

ESTELLE – E então?

GARCIN – Mas será que essas razões eram de fato razões?

ESTELLE – *(Desorientada)* Como você é complicado!

GARCIN – Eu queria manifestar-me; eu... Eu refleti maduramente... Será que as minhas razões eram de fato razões?

INÊS – Ah! Esse é que é o caso. Será que as razões eram de fato razões? Você raciocinava, não queria alistar-se levianamente. Mas o medo, o ódio, todas essas sujeiras que a gente esconde, também são razões. Vamos! Procure, pergunte a si mesmo!

GARCIN – Cale-se! Pensa que esperei seus conselhos? Eu andava, na minha cela, noite e dia, da porta à janela; da janela à porta. Eu era o espião de mim mesmo. Fui seguindo meu próprio rastro. Tenho a impressão de que passei toda uma vida a interrogar-me. Mas estava tudo consumado. Eu... Tomei o trem, quanto a isso, não há dúvida. Mas por quê? Por quê? Enfim, pensei: minha morte é que vai decidir. Se eu morrer limpamente, terei provado que não sou covarde...

INÊS – E como foi a sua morte, Garcin?

GARCIN – Foi mal. *(Inês desanda em gargalhadas)* Ora, apenas uma fraqueza corporal. Não me envergonho. Mas o fato é que tudo ficou no ar, para sempre. *(A Estelle)* Venha aqui, você. Olhe bem para mim. Preciso que alguém olhe para mim enquanto estão falando de mim na terra. Gosto dos olhos verdes.

INÊS – Olhos verdes? Essa é boa! E você, Estelle, gosta dos covardes?

ESTELLE – Se soubesse como pouco me importo com isso! Covarde, ou não, contanto que ele saiba beijar.

GARCIN – Eles abanam a cabeça, chapando seus charutos; estão caceteados. Eles pensam: Garcin é um covarde. Pensam por pensar, moles, fracos, sem convicção. Garcin é um covarde: eis o que foi decidido entre eles. Os meus companheiros. Daqui a seis meses começarão a dizer *"covarde como Garcin".* Vocês duas têm sorte: na Terra ninguém se preocupa com vocês. Para mim a vida é pior.

INÊS – E sua mulher, Garcin?

GARCIN – Minha mulher? O que tem isso? Está morta.

INÊS – Morta?

GARCIN – Esqueci de contar. Morreu há pouco. Há dois meses, mais ou menos.

INÊS – De desgosto?

GARCIN – De desgosto, é claro! De que queria que morresse? Ora! Tudo vai bem: acabou-se a guerra, minha mulher morreu e eu passei as páginas da História.

(Garcin tem um soluço seco, e passa as mãos pelo rosto. Estelle abraça-o)

ESTELLE – Meu bem, meu bem! Olhe para mim, querido! Toque em mim, toque em mim! *(Toma-lhe a mão e leva-a ao seu seio)* Ponha a mão no meu seio! *(Garcin faz um gesto para se desembaraçar dela)* Deixe sua mão, deixe! Não se mexa! Que importa o que pensem de você? Um a um, todos eles hão de morrer. Esqueça-os. Só eu é que existo.

GARCIN – *(Retirando a mão)* Não, eles não me esquecem. Hão de morrer, sim, mas outros virão para repetir a senha. Deixei minha vida em suas mãos.

ESTELLE – Ora! Você pensa demais.

GARCIN – Que fazer? Antes eu agia... Ah! Poder voltar entre eles um dia só! Que golpe! Mas eu estou fora do jogo. Dão o balanço sem contar comigo: e têm razão, pois estou morto, liquidado como um rato. *(Ri)* Caí no domínio público.

(Um tempo)

ESTELLE – *(Com doçura)* Garcin!

GARCIN – É você? Pois bem, escute! Você vai me fazer um favor. Não, não diga que não. Sei que você há de achar esquisito que se possa pedir um favor a você; você não está habituada a isso. Mas se você quisesse, fizesse um esforço, nós poderíamos nos amar de verdade. Veja só: são mil a repetir que sou um covarde. Mas o que são mil? Se houvesse uma alma, uma só, que afirmasse, com todas as suas forças, que eu não fugi, que eu não posso ter fugido, que eu tenho coragem, que sou um sujeito direito. Tenho... tenho certeza de que me salvaria. Acredite em mim. Eu ficaria gostando mais de você do que de mim mesmo.

ESTELLE – *(Rindo)* Idiota, meu querido idiota! Então você pensa que eu seria capaz de amar um covarde?

GARCIN – Mas você dizia...

ESTELLE – Estava brincando com você. Gosto de homens, Garcin, de homens de verdade: de pele áspera e mãos fortes. Você não tem o queixo de um covarde, a boca de um covarde, a voz de um covarde; seus cabelos não são de um covarde. E é pela sua boca, pela sua voz, pelos seus cabelos que eu gosto de você.

GARCIN – Verdade? Verdade mesmo?

ESTELLE – Quer que eu jure?

GARCIN – Agora, eu desafio a todos: aos que estão por lá e aos que estão por aqui. Estelle, nós vamos sair do inferno. *(Inês dá uma gargalhada. Ele interrompe-se e encara-a)* O que há?

INÊS – *(Rindo)* Ela não acredita em nada do que está dizendo. Será que você é tão ingênuo assim? *"Estelle, acha que eu sou um covarde?"* Se você soubesse como ela está rindo de suas palavras!

ESTELLE – Inês! *(A Garcin)* Não ouça o que ela diz. Se quer que eu confie em você comece por confiar em mim.

INÊS – Pois sim! Pois sim! Confie nela! Ela precisa de um homem, acredite: de um braço de homem na sua cintura, de um cheiro de homem, de um desejo de homem em olhos de homem... Quanto ao mais... Ah! Para lhe ser agradável, ela seria capaz de dizer que você é o Padre Eterno.

GARCIN – Estelle! É verdade isso? Responda! É verdade?

ESTELLE – Quer que eu lhe diga? Não entendo essas coisas. *(Batendo o pé)* Que irritante que é tudo isso! Mesmo que você fosse um covarde, eu gostaria de você. Pronto! Não basta isso?

Um tempo.

GARCIN – *(Às duas mulheres)* Tenho nojo de vocês.

(Dirige-se à porta)

ESTELLE – Que vai fazer?

GARCIN – Vou-me embora.

INÊS – *(Depressa)* Não irá muito longe: a porta está fechada.

GARCIN – Eles terão que abrir.

(Aperta o botão elétrico; a campainha não toca)

ESTELLE – Garcin!

INÊS – *(A Estelle)* Não se importe: a campainha está quebrada.

GARCIN – Pois garanto que eles hão de abrir. *(Bate n aporta com os nós dos dedos)* Não agüento mais vocês, não agüento mais. *(Estelle corre para ele; ele a repele)* Vá! Tenho ainda mais nojo de você do que dela. Não quero apodrecer os seus olhos. Você é perigosa, mole! Você é polvo, um pântano. *(Bate contra a porta)* Abrem ou não?

ESTELLE – Garcin, por favor, não vá! Não falarei mais, deixarei você tranqüilo, mas não vá! Inês pôs as garras de fora: não quero ficar sozinha com ela!

GARCIN – Arranje-se! Não lhe pedi que viesse.

ESTELLE – Covarde, covarde! Você é mesmo um covarde.

INÊS – *(Aproximando-se de Estelle)* Então, minha cotovia, não está satisfeita? Para agradá-lo você me cuspiu no rosto e brigamos por causa dele. Mas o desmancha-prazer vai-se embora, vai nos deixar entre mulheres.

ESTELLE – Você nada ganhará com isso. Se essa porta se abrir, eu também irei.

INÊS – Aonde?

ESTELLE – Não importa. O mais longe possível de você.

(Garcin não cessou de bater à porta)

GARCIN – Abram! Vamos, abram! Aceitarei tudo: as tenazes, o chumbo derretido, as pinças, o garrote, tudo o que queima, tudo o que dilacera; quero sofrer de verdade. Prefiro cem dentadas, prefiro a chibata, o vitríolo a este sofrimento cerebral, este fantasma de sofrimento, que roça, que acaricia e que nunca dói bastante. *(Agarra o trinco da porta e sacode-a)* Abrem, ou não? *(A porta abre-se bruscamente; ele quase cai)* Ah!

(Um longo silêncio)

INÊS – Então, Garcin? Pode ir.

GARCIN – *(Lentamente)* Não compreendo porque foi que esta porta se abriu.

INÊS – Que está esperando? Vá! Vá depressa!

GARCIN – Não, não vou.

INÊS – E você Estelle? *(Estelle não se move; Inês dá uma gargalhada)* Então? Qual de nós? Qual de nós três? O caminho está livre, quem é que nos prende? Ah! É de morrer de rir! Nós somos inseparáveis!

(Estelle atira-se sobre ela pelas costas)

ESTELLE – Inseparáveis? Garcin, ajude-me: depressa, ajude-me! Vamos arrastá-la para fora e fechar a porta! Ela vai ver!

INÊS – *(Debatendo-se)* Estelle! Estelle! Eu lhe peço: fique comigo! No corredor não! Não me atire no corredor!

GARCIN – Solte-a!

ESTELLE – Está louco? Ela tem ódio de você.

GARCIN – Foi por causa dela que eu fiquei.

(Estelle solta Inês e olha, assombrada para Garcin)

INÊS – Por minha causa? *(Um tempo)* Bom. Então, fechem a porta. Faz dez vezes mais calor depois que ela se abriu. *(Garcin fecha a porta)* Por minha causa?

GARCIN – Sim. Você sabe o que é um covarde.

INÊS – Sei sim.

GARCIN – Você sabe o que é o mal, a vergonha, o medo. Houve dias em que você se enxergou até o fundo do coração: e isso a deixou arrasada. E no dia seguinte não sabia o que pensar, não conseguia decifrar a revelação da véspera. Sim, você sabe quanto eu sofri. E quando diz que sou um covarde, é com conhecimento, não é mesmo?

INÊS – É.

GARCIN – É a você que eu devo convencer: você é da minha laia. Pensou então que eu me iria embora? Eu não poderia deixar você aqui, triunfante, com todos esses pensamentos na cabeça: esses pensamentos que me dizem respeito.

INÊS – Quer mesmo convencer-me?

GARCIN – Não quero outra coisa. Já não os escuto mais, sabe? De certo é porque já não têm nada mais a ver comigo. Acabou-se. Está arquivado o caso; nada mais sou sobre a Terra: nem mesmo um covarde. Estamos sós, agora, Inês: só restam vocês duas

para pensar em mim. Ela não conta. Mas você, você me odeia, se acreditar em mim poderá salvar-me.

INÊS – Não será fácil. Olhe para mim: tenho a cabeça dura.

GARCIN – Empregarei nisso todo o tempo que for necessário.

INÊS – Oh! Você tem o tempo todo. O tempo todo.

GARCIN – *(Tomando-a pelos ombros)* Escute! Cada qual tem o seu alvo, não é mesmo? Nunca "liguei" a dinheiro, a amor. Só queria ser um homem. Um forte. Apostei tudo numa só cartada. Pode ser um covarde aquele que escolheu os caminhos mais perigosos? Pode-se lá julgar toda uma vida por um só ato?

INÊS – Por que não? Durante trinta anos você sonhou que tinha coragem; e permitiu-se mil pequenas fraquezas, porque aos heróis tudo é permitido. Que cômodo que era! Depois, na hora do perigo, encostaram você à parede... e você tomou o trem para o México.

GARCIN – Não sonhei esse heroísmo. Escolhi-o. A gente é o que a gente quer ser.

INÊS – Prove, então. Prove que não era um sonho. Só os atos decidem sobre o que a gente quis.

GARCIN – Morri cedo demais. Não me deram tempo de praticar os meus atos.

INÊS – Morre-se sempre cedo demais – ou tarde demais. No entanto, a vida aí está: liquidada. Já se deu o traço debaixo das parcelas: resta fazer a soma. Você nada mais é do que a sua vida.

GARCIN – Víbora! Tem sempre resposta para tudo!

INÊS – Ora, vamos! Não desanime. Deve ser fácil a você persuadir-me. Procure argumentos, faça um esforço. *(Garcin sacode os ombros)* Então, como é? Não disse que você é vulnerável? Ah! Agora você vai pagar caro. Você é um covarde, Garcin, porque eu quero que você seja um covarde. Eu quero, compreende? Eu quero! No entanto, veja que fraquinha que sou: um sopro. Sou apenas o olhar que está vendo você, o pensamento incolor que está pensando em você. *(Ele caminha para ela de mãos abertas)* Ah! Abrem-se agora essas mãos grossas de homem. A troco de quê? Não se agarram pensamentos com as mãos. Vamos! Não tem o que escolher, tem que me convencer. Pilhei-o!

ESTELLE – Garcin!

GARCIN – O que é?

ESTELLE – Vingue-se!

GARCIN – Como?

ESTELLE – Beije-me; ela vai ficar danada.

GARCIN – É verdade, Inês! Você me pilhou, mas pilhei-a também.

(Debruça-se sobre Estelle. Inês dá um grito)

INÊS – Ah! Covarde, covarde! Vá! Vá fazer-se consolar por mulheres!

ESTELLE – Dane-se, Inês, dane-se!

INÊS – Bonito par! Se você visse essa pata grossa achatada nas suas costas, machucando a carne e o vestido. Ele tem mãos pegajosas, está transpirando. Vai deixar no vestido uma mancha azul.

ESTELLE – Dane-se! Dane-se! Aperte-me mais ainda contra você, Garcin! Ela vai estourar!

INÊS – Isso mesmo, aperte-a bem forte, aperte-a! Misturem bem os seus calores! Que bom que é o amor, hein, Garcin? É morno e profundo como o sono, mas eu não deixarei você dormir.

(Gesto de Garcin)

ESTELLE – Não ouça o que ela diz. Tome a minha boca! Sou sua, toda sua!

INÊS – Então? O que é que você está esperando? Faça o que mandam! Garcin, o covarde, tem nos seus braços a Estelle, a infanticida. Façam as apostas! Garcin, o covarde, conseguirá beijá-la? E eu estou vendo vocês, vendo vocês! Eu, sozinha, sou toda uma multidão: a multidão, Garcin, a multidão, compreende? *(Murmurando)* Covarde! Covarde! Covarde! Covarde! É inútil fugir de mim: não deixarei você. Que é que está procurando nos lábios dela? O esquecimento? Mas eu, eu não esquecerei você. E é a mim que você tem que convencer. A mim! Venha, venha! Espero por você. Veja, Estelle: ele já desaperta o seu abraço; é obediente como um cachorro... Você não há de tê-lo!

GARCIN – Não ficará escuro, nunca?

INÊS – Nunca.

GARCIN – Você me verá sempre?

INÊS – Sempre.

(Garcin deixa Estelle e faz alguns passos pela cena. Aproxima-se do bronze)

GARCIN – O bronze... *(Apalpa-o)* Pois bem! É agora. O bronze aí está, eu o contemplo e compreendo que estou no inferno. Digo a vocês que tudo estava previsto. Eles previram que eu havia de parar diante desta lareira, tocando com minhas mãos esse bronze, com todos esses olhares sobre mim. Todos esses olhares que me comem. *(Volta-se bruscamente)* Ah! Vocês são só duas? Pensei que fossem muitas, muitas mais. *(Ri)*

Então, isto é que é o inferno? Nunca imaginei... Não se lembram? O enxofre, a fogueira, a grelha... Que brincadeira! Nada de grelha. O inferno... são os outros.

ESTELLE – Meu amor!

GARCIN – *(Repelindo-a)* Deixe-me. Ela está entre nós dois. Não posso amar quando ela me vê.

ESTELLE – Ah! É assim? Pois ela não nos verá mais.

(Toma a faca-de-cortar-papel, que está sobre a mesa, precipita-se sobre Inês desferindo-lhe vários golpes)

INÊS – *(Debatendo-se e rindo)* Que é que você está fazendo? Que é que você está fazendo? Está louca? Você bem sabe que estou morta.

(Deixa cair a faca-de-cortar-papel. Um tempo. Inês apanha-a e põe-se a golpear-se com raiva)

INÊS – Morta! Morta! Morta! Nem a faca, nem o veneno, nem a força. Está tudo acabado, compreende? E estamos juntos para sempre.

(Ri)

ESTELLE – *(Numa gargalhada)* Para sempre, meu Deus! Que engraçado! Para sempre!

GARCIN – *(Que ri, olhando as duas)* Para sempre!

(Caem sentados cada qual sobre o seu sofá. Um longo silêncio. Deixam de rir, e entreolham-se. Garcin ergue-se)

GARCIN – Pois é, vamos continuar!

PANO